

A época e o laço social

¿tudo o que acontece entre os humanos envolve o laço social?

Moustapha Safouan no seu livro “A palavra ou a morte, como é possível uma sociedade humana?” diz: “A ordem simbólica não tem nada de especialmente pacificador, mas sem essa ordem teríamos, em vez da guerra, um genocídio generalizado. Parece que estamos indo em direção a ele”¹

Permanece aberto um desassossego que nunca deixa de nos chamar a dar voltas e voltas em torno desta realidade. A condição humana produz um sangramento inesgotável no humano, no não humano. Ferocidade, destruição, racismo, rejeição do vivo em detrimento do vivo. Cria a sua própria sujeira e escreve a história após as altas temperaturas de guerra após guerra de guerra. Assim, o campo da pulsão segue um caminho inexorável. Com o seu impulso constante, com a sua insatisfação estrutural, a sua perentoriedade.

Mas “sem pulsão não há laço social. Ancorada no corpo e marcado pelo significante, é nosso instrumento de laço com o outro. É o instrumento que margeia os furos do nosso corpo e constitui as zonas erógenas e como resultado desse circuito teremos um “corpo”²

A pulsão aninha e anima o laço social, cada vez que falamos sua gramática entra em ação.

Ora, se o Outro e o outro são fundamentais, o que propõe a época quando convida o sujeito a acreditar que é possível caminhar desamarrado do outro (do semelhante) em busca de uma promessa de gozo?

Um tempo que convida à promoção da liberdade e a um gozo generalizado e incontrolável que fecha o sujeito à condição de consumidor enganado por uma promessa impossível, manchando sua vida com algum juiz condenando-o ou algum carrasco punindo-o. Se ele se desanodar da lei, também o fará da castração e do desejo,

¹ Mostapha Safouan: “La palabra o la muerte, ¿cómo es posible una sociedad humana”, pág 76. Ed De la Flor. Tradução livre para o presente trabalho.

² Osvaldo Arribas y otros: “La pulsión en el lazo social”, pág 11. 1ra edición. Buenos Aires. Ed KLiné. Tradução livre para o presente trabalho.

da causa do desejo. Nesta exacerbação estamos perante as coordenadas da hipermodernidade.

Em 1969, Lacan realiza a escrita de seus 4 discursos, estes determinam a estrutura em que se organiza o laço social³, cada um deles apresenta um ponto de impossibilidade e um ponto de impotência, cada discurso respeita uma ordem entre seus elementos e no modo de rotação de um quarto de volta. O ponto da impossibilidade corresponde aos três impossíveis freudianos: impossível governar, impossível analisar, impossível educar e Lacan acrescenta um quarto, o da histeria: impossível fazer desejar. O que significa esse impossível, que o não-tudo existe, um impossível está ligado ao real.

Às quatro combinações possíveis de discurso e a partir de uma delas, o discurso do Mestre que formaliza a relação mestre da modernidade, aquele que exige que tudo funcione, Lacan propõe a emergência de um novo, que ele chama de pseudo-laço e denomina de Capitalista, o que é típico do nosso tempo, a ponto de nos levar a questionar a sobrevivência e as modalidades desses laços anteriores. Isso nos coloca em um debate: o que se escuta no sujeito contemporâneo (ou seja, nas subjetividades da época)? pois ela produz fenômenos coletivos e sentidos possíveis para o sujeito. Como o sujeito, a ordem significante (significante mestre e saber) e o objeto *a* entram em relação, onde o sujeito recusa a castração e parece não haver intervalo simbólico entre ele e o gozo?

A vocação totalizadora do (pseudo)discurso capitalista não está isenta de paradoxos. À medida que o imperativo de gozo da época se torna mais feroz, a insatisfação aumenta. A época que promete acesso irrestrito ao gozo é caracterizada pela impotência do gozo. A aparente libertação de todas as formas de gozo sexual e o terreno do ciberespaço como via de acesso ao gozo irrestrito apenas fizeram com que o laço social parecesse cada vez mais dificultado.

Qual o real que comanda nesta época? O objeto *a* como zénite na sua dimensão de mais-gozar leva o sujeito pelo nariz, através das regras do consumismo, como consumidor-consumido.

O que isso implica então? A pergunta que me faço e compartilho em estado de pesquisa é a seguinte: podemos pensar que estamos diante de um discurso que não cria laço social? Como poderíamos sustentar isso? Pois se assim fosse não deixaríamos de ver os efeitos sociais na subjetividade da época. Narrativas de ódio, violência, guerras, isso não é um laço social? As *vidas-telas* da tecnologia da sociedade de consumo atual sob a égide de um imperativo de consumo, estão fora do vínculo social?

³ Lacan diz que prefere falar de *um discurso sem palavras*, ou seja, algumas palavras ditas em um discurso adquirem uma significação, mas as mesmas palavras ditas em outro adquirem outra. A palavra pode inscrever um valor ou outro dependendo do discurso em que é enunciada.

Ou seja, a perda que o capitalismo promove no que diz respeito ao laço está relacionada com o lado mais extremo do Discurso Universitário, o que implicaria que estamos dentro do laço social, ou é a ruptura que impacta do capitalismo liberal? Como é que eu penso sobre isso? Poderá o mestre moderno (e não o antigo mestre do discurso do mestre), na sua vertente de impostura de tudo-saber, levar esta posição ao extremo? Estaríamos diante da submissão da realização do saber ao extremo, -da burocratização do saber, diz Lacan-, e então essa posição seria o que sustenta o andaime de um libertário ou de um fascista?

Neste seminário “O Reverso da Psicanálise”⁴ Lacan dedica-se proveitosamente a trabalhar o Discurso Universitário; ele diz que o mestre moderno do Discurso Universitário é um mestre pervertido através da tirania do saber. Porque vai colocar que enquanto o S2 estiver no lugar do agente, ele determina uma posição de saber e daí dirige-se para o outro, o lugar ocupado pelo α . Alguém situado no lugar do saber dirige-se ao outro para produzir a sua divisão, subtraindo-lhe a possibilidade do seu saber. Ou seja, como forma de organização do laço social, o Discurso Universitário produz tanto a possibilidade de saber da academia, quanto o da ciência na posição de todo-saber, formas nas quais se produz a estratégia do capitalismo sobre o laço social. Portanto, cingir os efeitos do capitalismo sobre a cultura e sobre o sujeito exige que se sustente a questão sobre o que acontece quando o saber, no seu modo de se tornar especialista e de reproduzir a extensão para exercer o seu domínio, estabelece sentidos por meio de enunciados sem enunciação que se introduzem na proposta de uma sociedade organizada segundo a forma de empresa.

Então, o laço social, efeito do Discurso Universitário, estabelece as condições no simbólico para o advento de um modo capitalista de constituição da subjetividade: sujeitos dispostos como capital humano.

A mudança no Discurso do Mestre que traz consigo o pseudodiscurso do capitalista não é possível sem as operações simbólicas introduzidas pelo discurso totalizante da ciência e que se expressam no conjunto de mudanças que levaram à articulação de conhecimento apropriável como mercadoria. Ao se modernizar o Discurso Mestre em sua forma de Discurso Universitário, a hegemonia do Saber – S2 comandando o Discurso – estabeleceu as coordenadas simbólicas que possibilitaram avançar no apagamento dos limites que distinguiam os espaços da cultura; dessa forma a cultura visa sendo estruturada como uma empresa.⁵

⁴ Jacques Lacan, Seminario 17 “El reverso del Psicoanálisis”, clase del 17 de diciembre de 1969. ED Paidós. Tradução livre para o presente trabalho.

⁵ Essa ideia se baseia no fato de que o laço social tem a função de domesticar o gozo que o cria, enquanto para o sujeito não existe realidade que não seja discurso, ou seja, o custo de entrada no laço social pelo efeito da castração, castração em tanto perda de um gozo por estrutura, um gozo primeiro que nunca existiu.

O Discurso Universitário funciona então como um quadro simbólico que legitima o avanço contemporâneo do pseudodiscurso do capitalista sobre a cultura, o sujeito e a subjetividade.

De onde ele impõe sua tirania?

A tirania do saber e a tirania do gozo estão ligadas ao próprio facto da ascensão de a como zénite, uma reviravolta circularizante que sustenta o governo do imperativo do gozo.

Esse pseudo discurso, rompendo a estrutura, gira tão rápido que além de perigoso pode explodir, diz Lacan. Mas ele pode evitar o encontro com o real? Não, mas diante desse encontro ele se reinventa, essa é a sua astúcia. O encontro com o real é um fato de estrutura, é impossível que em algum momento ele não chegue, -oportunidade para ser dificultado ou parado, pelo menos por um momento-. Pois, por mais que o tempo ofusque seus sinais, o real acontecerá como uma chamada.

Para concluir, “a castração significa que o gozo deve ser recusado para ser alcançado na escala invertida da lei do desejo”⁶. Este aforismo lacaniano é um pontapé inicial para pensar o que implica a subversão do discurso do psicanalista baseado em o a como agente, como causa do desejo, uma vez que a lei do desejo não é a mesma coisa que a promoção de um gozo.

O discurso da psicanálise não poderá despojar-se da sua orfandade, pois como praticantes da psicanálise escutamos e promovemos na clínica os efeitos de escrita da castração, que pode dizer no seu tecido simbólico, enquanto a castração regula o desejo. O analista, como garante do furo e em sua orientação para o real, aguardará pacientemente (ou impacientemente) a próxima chamada.

Inseridos nesta época, talvez não devamos sucumbir a um grande desespero, nem acreditar que o discurso da psicanálise trará finalmente a grande peste. Não será que ficar à altura da época também pode ser viver à altura da estrutura para que a época não nos desagregue? Se mantivermos o inconsciente, a falta e o sintoma como nossos horizontes através da experiência da análise, talvez possamos nos livrar mais rapidamente das luzes deste tempo sombrio. Não se trata de sustentar-se em alguma ilusão, mas sim de acreditar no que pode ser reescrito em relação ao não-tudo: naquele um a um -na experiência de uma análise-, e na formação em psicanálise, tanto na intensão quanto na extensão. Esse é um horizonte suficiente.

Não ficaremos massificados, o que implicaria também ir contra a corrente da nossa práxis. Sim, talvez seja possível sustentar o compromisso e o entusiasmo onde o um a

⁶ Jacques Lacan, Escritos 2, “Subversión del sujeto y la dialéctica del deseo en el Inconsciente freudiano”, pág 786. Editores Siglo Veintiuno. Tradução livre para o presente trabalho.

um está fermentando e se abre para três e alguns outros. É um legado de Freud lembrar que a psicanálise não é uma práxis do individual, mas do singular e afeta o laço social.

A impotência não pode ser um destino, ainda podemos nos orientar com a chamada do real.

Celia Caminos